



CAPA

Anule-se tudo

AS REVELAÇÕES DO INTERCEPT CONFIRMAM A NOSSA COBERTURA DA FARSA TRÁGICA DOS ÚLTIMOS CINCO ANOS: LULA ERA O ALVO, FOI ATINGIDO E ATÉ A ELEIÇÃO DE BOLSONARO RESULTA DE UMA FRAUDE

por MINO CARTA

Depois das revelações do Intercept, a conclusão haveria de ser anular tudo quanto aconteceu a partir da criação da Lava Jato. O projeto golpista visava, com a bênção agradecida do Departamento de Estado, alijar Lula da eleição de 2018, graças a uma trama pretensamente jurídica sem paralelos para condená-lo e prendê-lo sem provas. Moro e Dallagnol, lacaios de Washington, cumpriram a tarefa a contento e Jair Bolsonaro elegeu-se com folga maior do que aquela conseguida por Dilma Rousseff em 2014. Assim se deu, o entrecho é claro, o resultado de um golpe inédito perpetrado pelos próprios poderes da República, a começar pelo Judiciário, que permitiu o *impeachment* e as falcaturas do torquemadazinho de Curitiba. Os guardiões da lei preferiram rasgar a Constituição. Não faltou o aval militar, assegurado pelo general Villas Bôas, então comandante

do Exército, ao pressionar o STF a manter a prisão de Lula sem alterar a decisão tomada à última hora pelos supremos togados por ser bastante, na visão a favor da fraude, a condenação em segunda instância.

A lógica no caso é implacável: diante das revelações do *site* Intercept de Glenn Greenwald, obviamente de absoluta veracidade, tornam automaticamente nulos todos os atos da farsa trágica, e o derradeiro é a eleição do ex-capitão. A compreensão deste jogo de dominó deveria

ser acessível a qualquer brasileiro consciente da cidadania. Estamos, porém, no Brasil medieval da casa-grande e da senzala, onde a minoria faz o que bem entende e o resto é tângido como um rebanho acossado pelos lobos. Penosas e mesmo patéticas as reações de uma boa fatia da mídia nativa, desta vez dividida nas suas avaliações.

O “conjó” de dona Leonor não é de se demitir, como pede o *Estadão* no editorial de terça 11, tanto mais agora: Bolsonaro na semana o premiou com a Medalha do Mérito Naval, embora o mérito do ministro da Justiça aos olhos presidenciais seja outro. Talvez o ex-capitão homenageie quem iniciou o processo que leva ao naufrágio, daí a metáfora náutica. De todo modo, a condecoração nos dias seguintes à divulgação do Intercept coincide, com encaixe ao rabo de andorinha, manda o ebanista feliz, ao estilo truculento do bolsonarismo, como resposta às reações indignadas da mídia dos países civilizados e democráticos. Uma pergunta assoma espontânea: se temos de

**SÓ A TOMADA
DA CASA-GRANDE
MUDA O BRASIL
E RECUPERA
O TEMPO PERDIDO**



procurar culpados, será que a culpa não é do Brasil? Houvesse um pelotão de fuzilamento, nenhuma bala seria perdida.

Outra questão me assalta. Há como comparar os golpistas fardados atuais com aqueles de 1964? Outras eram as circunstâncias, que diferem profundamente. Havia entre aqueles fardados golpistas alguns que se ririam da comicidade involuntária de Bolsonaro & filhos, pareceme colher no rosto do general Golbery um sorriso de Gioconda. Estavam afeitos a um país muito melhor do que o de hoje, o Brasil contava com círculos intelectuais de peso, com pensadores, escritores, artistas reconhecidos mundialmente, com alguns políticos desassombrados, com jornalistas que conheciam a diferença entre as insopitáveis verdades que habitam a cabeça de qualquer um e a verdade factual, conforme a definição de Hannah Arendt. Ainda não havia chegado o tempo desenfreado das notícias falsas, dos celulares e das *selfies*, do uso político da internet, da progressiva imbecilização geral.

Vários generais da ditadura jamais fariam continência diante da bandeira dos EUA e com fé sincera, conquanto malposta, acreditavam na consigna inicial do golpe: pôr a casa em ordem e, cumprida a missão, devolver o poder aos civis. Na crença, uma nítida prova de ingenuidade: no país da casa-grande e da senzala, o poder sempre retorna às mãos dos senhores da mansão. Foi o que se deu com a chamada redemocratização, como sempre ao sabor das tradicionais hipocrisia e ignorância de marca tipicamente nativa.

O alívio veio com Lula, pelo seu combate à miséria e sua política exterior independente. A quem não interessa esta insólita atuação? À casa-grande e aos EUA, a bem do seu império, como é do conhecimento até do mundo mineral. A Lava Jato é o primeiro motor do golpe que atende às demandas da mansão senhorial e de Tio



A família une-se na iminência da entrega à Polícia Federal

Sam. E aqui me permito enveredar pelo vitupério. As revelações do Intercept espantam o mundo civilizado, mas o Brasil as engole mansamente, quando não as ignora, com a exceção ao menos dos leitores de *CartaCapital*, alertados desde quando esta bola saiu dos pés de Sérgio Moro no campinho da República de Curitiba.

Já sabíamos de tudo, a convivência dos poderes da República na execução do golpe de 2016, desfechado para expulsar Lula do páreo presidencial, com o resultado final, conscientes ou não os golpistas do iminente tropeço na figura execrável de Bolsonaro. Tudo se justifica, a casa-grande empenha-se em tempo integral para manter de pé a senzala. A miséria não comove os senhores, tampouco a falta de educação e saúde. Pelos salões medraram os ódios social e de classe, heranças de três séculos e meio de escravidão, de fato até o momento não encerrada. Bolsonaro serve ao jogo, do alto de sua demência presta-se a qualquer serviço sujo.

CartaCapital é a única publicação em papel impresso que nos últimos cinco anos desenrolou o enredo e ganha hoje a confirmação do acerto das suas informações a respeito dos andamentos da peça e dos seus protagonistas. Trata-se da consequência da prática do jornalismo. Pretendia um redator-chefe do *New York Times* o acompanhamento de um adjetivo, honesto. Penso que a honestidade há de ser intrínseca, própria, insubstituível. Quanto aos desenvolvimentos da situação, por ora o vaticínio não é recomendável. O problema insolúvel está na natureza de um país digno da Idade Média mais obscura. Culpado é o Brasil, já disse, involuntária a responsabilidade se nos referimos à senzala. O que teimamos em não entender, inclusive a chamada impropriamente esquerda, que o recurso à resignação de quem guarda nos lombos a chibatada do capataz não gerou apenas uma série insuportável de golpes, mas também impediu ao País atingir a contemporaneidade do mundo. Para mudar o Brasil, é preciso tomar a casa-grande. •